



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL

LUCINALDA DE AQUINO LIMA

“TIA, CONTA OUTRA VEZ...” - OS CONTOS DE FADA E O
DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE EM CRIANÇAS DE UMA TURMA
DE EDUCAÇÃO INFANTIL

QUIXADÁ
2015

LUCINALDA DE AQUINO LIMA

“TIA, CONTA OUTRA VEZ...” - OS CONTOS DE FADA E O
DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE EM CRIANÇAS DE UMA TURMA DE
EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Cristina Forte-Ferreira.

QUIXADÁ

2015

LUCINALDA DE AQUINO LIMA

“TIA, CONTA OUTRA VEZ...” - OS CONTOS DE FADA E O
DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE EM CRIANÇAS DE UMA TURMA DE
EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Aprovado em 16 de maio de 2015

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Elaine Cristina Forte-Ferreira (Orientadora)
Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA

Prof. Dr. Vicente Lima Neto - UFERSA
Universidade Federal do Rural do Semi-Árido - UFERSA

Prof^a. Dr^a. Rosimeire Costa de Andrade Cruz - UFC
Universidade Federal do Ceará - UFC

Dedico este trabalho a todas as crianças pequenas da Escola Núcleo de Educação Infantil, que me deram a oportunidade de vivenciar saberes relacionados ao universo dos contos de fadas. Em especial as duas crianças P.O1 e J.L2, na qual vivi mais intensamente.

AGRADECIMENTOS

Obrigada, senhor, Deus por ter permitido o traslado de Itapiúna a Quixadá todos os finais de semana durante quase dois anos. Foram dias e noites cansativas que exigiram renúncias de fim de semana com a família, com os amigos. Mas também tive a oportunidade de conhecer e conviver com um grupo de mulheres incríveis: as profissionais da educação infantil.

Agradeço aos meus pais, pelo dom da vida e o incentivo para não desistir quando o cansaço aparecia. Aos meus irmãos, pela companhia de não me deixar só aos finais de semana. Família berço para onde enaltece o amor.

Agradecimento muito especial à minha prezada orientadora Prof^a. Dra. Elaine Cristina Forte Ferreira, pela sensibilidade e cordialidade nas suas recomendações. Obrigada, Professora, quando eu crescer quero ser igual a você!

Aos meus mestres, pelo conhecimento construído a partir da mediação e interação que desenvolvíamos: Katia Cristina, Jesus Araújo, Messias Dieb, Socorro Almeida, Jorgiana, Camila Barreto, Barrinha, Bodião, Gabriela. Com vocês, desconstruí alguns saberes e avancei em outros, construindo conhecimentos a partir da interação com as crianças, famílias e professores.

Ao professor Jorge Alberto, pelo acolhimento e preocupação com a nossa estadia. A minha colega Regivanda Vieira a quem trato carinhosamente por Vandinha. Obrigada pela companhia e conversas durante o nosso percurso de Itapiúna a Quixadá.

A você, Antonio Wilams de Carvalho, a minha eterna gratidão pelas viagens realizadas comigo até Quixadá para que eu pudesse ser orientada. Agradeço ainda o incentivo para a conclusão desta monografia. Muito obrigada!

Ao meu amigo Nairton que nunca me abandona, obrigada pelas leituras e correção gramatical deste trabalho monográfico.

Ao colega Fagner Freire pelo apoio e ao meu amigo Victor Silva por tudo.

Recordo-me sempre dos meus tempos de menino, quando meu bisavô me colocava em seu colo para contar as histórias do meu povo. Embora entendesse pouco da narrativa, ficava deslumbrado com a imensidade de sua voz rouca amaciada pelo tempo. É que parecia que meu velho avô se transfigurava ao dizer o indizível (...)

(MUNDURUKU, 1998)

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar como a prática da contação contribui para o desenvolvimento do reconto oral em crianças do Infantil V, considerando a coerência da estrutura da narrativa e a ampliação de vocabulário. Para o alcance de nosso objetivo, foram utilizados como apoio os teóricos Chaer e Guimarães (2011), Schneider e Torossian (2009), Brasil (1998) e Fonseca (2013). O procedimento metodológico foi desenvolvido por meio da pesquisa qualitativa apoiada pelas leituras de Minayo (2011). Nossa pesquisa de campo aconteceu numa escola da rede pública municipal na cidade de Itapiúna-CE. Os sujeitos que participaram desta pesquisa foram duas crianças do sexo masculino de 5 anos de idade. Nosso instrumental foi coletado através de aparelho audiovisual e posteriormente desenvolvida a transcrição dos dados. Após a análise dos dados, concluímos que os achados preliminares diante do tempo proposto para a realização da pesquisa responderam em parte aos nossos questionamentos iniciais ao percebermos a inferência de elementos novos após o reconto oral. A pesquisa buscou elucidar algumas dúvidas presentes no contexto da Educação Infantil, além de estar à disposição para possíveis intervenções pedagógicas relacionadas a esta temática em sala de aula.

Palavras-chave: *Contos de fada. Contação e recontação. Oralidade.*

ABSTRACT

This study aims to examine how the practice of storytelling contributes to the development of oral retelling in children Children's V considering the coherence of narrative structure and the expansion of vocabulary. In order to achieve our objective, we were used to support the theoretical Chaer and Guimarães (2011), Schneider and Torossian (2009), Brazil (1998) and Fonseca (2013). The methodological procedure was developed through qualitative research supported by readings of Minayo (2011). Our field research took place in a municipal public school in the city of Itapiúna-CE. The subjects who participated in this research were two male children under 5 years of age. Our instruments were collected through audiovisual unit and further developed the transcription of data. After analyzing the data, we concluded that the preliminary findings before the time proposed for the research responded in part to our initial questions to realize the inference of new elements after the oral retelling. The research sought to clarify some doubts present in the context of early childhood education, and be available for possible pedagogical interventions related to this subject in the classroom.

Keywords: *Fairy tales. Storytelling and recontation. Orality.*

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	09
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 A Oralidade na Educação Infantil	13
2.2 A Importância da Contação de História e dos Contos de Fada na Educação Infantil	16
2.3 A Linguagem Oral na Educação Infantil	18
2.4 Os Eixos Norteadores da Educação Infantil	19
3. METODOLOGIA - CAMINHOS PERCORRIDOS: ELOS ENTRE TEORIA E PRÁTICA	22
3.1 Tipo de Pesquisa	22
3.2 O contexto e o <i>locus</i> da pesquisa	23
3.3 O perfil dos sujeitos da pesquisa	24
3.4 A construção dos dados	25
3.5 Tratamento e análise dos dados	26
4. ANÁLISE DOS DADOS	28
4.1 Elementos Novos da Recontação	32
4.2 Oralidade: Teoria e Prática	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	44
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE RECONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	47
ANEXO A – DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA E FORMATAÇÃO...	49
ANEXO B – DOCUMENTO COMPROBATÓRIO DE FORMAÇÃO DO REVISOR	50

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Estes escritos pretendem servir de subsídios à luz do conhecimento e da pesquisa a todos os profissionais que atuam na área da educação infantil no tocante aos contos de fadas e ao desenvolvimento da oralidade. Somos conhecedores da relevância que se atribui à educação infantil como primeira etapa da educação básica. Etapa onde a criança começa o seu processo de desenvolvimento intelectual, psíquico, social, emocional, afetivo, psicomotor, ou seja, fase na qual acontece o chamado desenvolvimento integral.

A educação e o cuidado permeiam o centro das discussões de educadores da área quando defendem a qualidade do ensino infantil, incluindo professores com formações específicas e continuadas, espaços físicos que permitam a criança movimentar-se, interagir e viver em ambientes com recursos desafiadores, aconchegantes, luminosos, atrativos coloridos e que propiciem o prazer do brincar sem perder de vista a ideia do aprender.

Neste contexto, se insere a educação infantil no intuito de garantir um ensino aprendizagem com significado, permeado na construção de sentidos para a vida da criança. Portanto, mediante as leituras proferidas até então, é possível perceber que essa aprendizagem faz sentido quando pensada a partir da lógica do brincar da interação da ludicidade e da literatura infantil, pois o brincar mexe com o imaginário da criança e a partir da brincadeira constrói-se saberes pertinentes ao desenvolvimento infantil da criança. Um dos meios de proporcionar também esse desenvolvimento da criança é colocá-la em contato com as mais diversas obras da literatura infantil.

A organização do Referencial possui caráter instrumental e didático, devendo os professores ter consciência, em sua prática educativa, que a construção de conhecimentos se processa de maneira integrada e global e que há inter-relações entre os diferentes eixos sugeridos a serem trabalhados com as crianças. (BRASIL, 1998 p. 9 v.3)

O documento citado anteriormente chama a atenção para os propósitos que devem ser considerados pelo professor no momento de seu planejamento. A prática docente só tem sentido quando mergulhada na intencionalidade pedagógica de forma a atender a criança na sua singularidade. Desse modo, o procedimento metodológico deve ser pensado nas diversas personalidades que o professor encontra em sala e que cada uma se desenvolve em ritmo diferente. A escola, em seu currículo pedagógico, deve garantir que o aluno aprenda mediante

a interligação dos eixos norteadores e a contextualização deste para o desenvolvimento da aprendizagem da criança faz todo sentido. Neste contexto, entendemos serem os contos de fadas uma das ferramentas necessárias para o desenvolvimento da aprendizagem oral da criança.

A construção do objeto desta pesquisa encontra-se imersa no desejo de ampliar os conhecimentos no tocante a narrativa dos contos de fadas e o desenvolvimento da oralidade. Desejo que emergiu a partir da convivência com as crianças na qual tive a oportunidade de trabalhar na educação infantil por um curto período como professora substituta e mesmo trilhando por outros caminhos no campo da educação esse desejo de saber sobre o mundo da contação de história permanecia a inquietar-me. O momento da contação de história era algo que despertava interesse de conhecer mais sobre essa temática, levando em consideração a euforia e ao mesmo tempo o silêncio que tomava conta da sala de aula ao ouvir, por exemplo, “senta que lá vem história...” Tudo isso aguçava certa curiosidade de aprofundar o universo da literatura infantil e entender a magia dos contos de fada como elemento de construção da oralidade infantil.

De fato, o meu contato com a literatura infantil aconteceu no ano de 2000, quando comecei a trabalhar como professora alfabetizadora nas turmas de seis anos. Uma experiência que guardo com muito carinho até hoje. Ressalto que cada história que lia para minhas crianças me fazia viajar. Imaginava e deportava-me junto com elas para o fabuloso mundo mágico da imaginação onde tudo é possível e, com isso, percebia as semelhanças e diferenças entre a contação de história do meu tempo de criança e as técnicas atuais. Semelhanças no comportamento, atenção, silêncio, diferenças na técnica de contação com a introdução de recursos como livros, fantoches, avental, tapete mágico, história cantada, dentre outros. Assim, todas as narrativas da literatura infantil sejam os clássicos, as fábulas, as histórias em quadrinhos, os contos de fadas ou os “causos” narrados pelos mais antigos têm seu encanto no cenário infantil.

Uma acentuada luz reluziu durante a aula inaugural desta Especialização quando tudo começou com uma contação de história: um homem acompanhado de sua filha com aproximadamente 7, 8 anos de idade com roupas estranhas, sandálias esquisitas, instrumentos musicais feitos aparentemente de bambu e um tapete estendido no centro da sala de aula, tendo sobre este tapete vários livros infantis. Sentados em um ponto estratégico da sala, cada um pegou um livro e da forma mais natural possível prenderam não só a minha atenção, mas de toda turma com uma bela contação de história.

A cada som extraído do instrumento, a cada entonação de voz, pausa, suspense, olhares, eu ficava mais fascinada. Então pensei, se com os adultos a literatura infantil exerce esse poder de magia e sedução, imagina só com o universo infantil. Por que não trabalhar os contos de fadas no tocante ao desenvolvimento da oralidade infantil? Se instigada, a criança tem muito a nos dizer com seu jeito espontâneo de ser. Desse modo, emergiu a curiosidade de aprofundar significativamente essa temática, levando em consideração a riqueza de conhecimentos que podem ser extraídos dos contos de fadas em benefício da aprendizagem infantil para estimular os sonhos, a fantasia, a magia, o encanto. Enfim, tudo que propicia o imaginário infantil.

Vejamos o que afirmam Schneider e Torossian (2009, p.135):

Os contos se caracterizam por serem uma narrativa cujos personagens heróis e/ou, heroínas enfrentam grandes desafios para, no final, triunfarem sobre o mal. Permeados por magias e encantamentos, animais falantes, fadas madrinhas, reis e rainhas, ogros, lobos e bruxas personificam o bem e o mal. No conto de fadas tapetes voam, galinhas põem ovos de ouro, pés de feijão crescem até o céu. Enfim, traz-se à tona o inverossímil e é essa magia que instiga a mente humana.

O fascínio desta narrativa é percebida em cada olhinho ou em cada fala quando o professor usa as seguintes frases: “senta que lá vem história”, “aconteceu há muito tempo atrás”, “certo dia”, “vou contar uma história, “era uma vez...”. A criança entende que vai mergulhar num universo de magia e sedução onde a fantasia dá asas à imaginação e tudo pode acontecer. Momento oportuno no qual o professor deve desenvolver a oralidade, a partir da exploração do mundo real da criança, trabalhando ainda sentimentos como o medo, a ansiedade, a alegria, a tristeza, a raiva, ódio, sonhos, desejos, etc.

A tudo isso nos inquietava o seguinte: que universo é esse que mexe tanto com a atenção da criança? O que faz a maioria das crianças gostarem tanto de história infantil? É possível extrair dos contos de fadas algo importante para o desenvolvimento e aprendizagem da criança? O que, por exemplo? Daí emerge o desejo de pesquisar como os contos de fadas contribuem para o desenvolvimento oral de crianças pequenas. Visto que a criança é um ser capaz de criar e recriar a partir da interação com o meio no qual está inserida. A contação de história oportuniza o professor perceber, na fala da criança, outros elementos que a mesma introduz e que não havia sido citado anteriormente. Fazendo, com isso, correlação com o seu mundo real.

Diante do exposto, decidimos investigar o que pensam as crianças em relação aos contos de fadas e a importância do reconto para o desenvolvimento da oralidade no Infantil V.

A questão norteadora do nosso estudo é a seguinte: como a prática da contação contribui para o desenvolvimento do reconto oral em crianças do Infantil V? Essa questão central originou duas questões específicas que assim estão organizadas: quais são os elementos da estrutura da narrativa que as crianças inseriram após a contação de forma coerente? Será que houve ampliação de vocabulário a partir do reconto?

Na busca de responder às questões desta pesquisa, elaboramos nosso objetivo central que é:

- Analisar como a prática da contação contribui para o desenvolvimento do reconto oral em crianças do Infantil V, considerando a coerência da estrutura da narrativa e a ampliação de vocabulário.

Como objetivos específicos propomo-nos a:

- Investigar quais são os elementos da estrutura da narrativa que as crianças inseriram após a contação de forma coerente;
- Verificar se houve ampliação de vocabulário a partir da recontação de história.

Esta monografia está organizada em quatro capítulos, além das considerações iniciais, o segundo capítulo tratará da fundamentação teórica onde aborda a importância dos contos de fadas no desenvolvimento da oralidade na visão de alguns autores com pesquisas nesta área. O terceiro capítulo apresenta os aspectos metodológicos desta pesquisa, esclarecendo para o leitor a linha de pesquisa trabalhada e, por conseguinte, o processo metodológico utilizado para coletar as informações necessárias. No quarto capítulo, realizamos a análise dos dados fazendo paralelo com as leituras apresentadas na fundamentação teórica. Por fim, apresentaremos as considerações finais, apontando as contribuições de nossa pesquisa com dados que possam reforçar e intervir de forma significativa e pedagógica na melhoria do trabalho dos professores de educação infantil como princípio de ação conjunta aos diversos profissionais que atuam na escola frente ao sucesso da vida escolar das crianças.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A oralidade na educação infantil

Na abordagem que apresentamos neste recorte, pretendemos mostrar alguns estudos de destaque no âmbito da educação infantil no que tange à importância da oralidade, bem como a contribuição dos contos de fadas como elemento imprescindível ao processo de construção da linguagem oral e de organização do pensamento da criança, considerando, a princípio, que a linguagem se constitui por diferentes aspectos: oral, escrita, visual, artística, musical, cenestésica e outras.

A linguagem é algo fundamental na nossa vida, visto que, por meio desta, se constitui todo o processo de socialização e interação. Através da linguagem, construímos conhecimentos pertinentes à interação no mundo no qual estamos inseridos. A linguagem também contribui para a participação efetiva do sujeito nas diferentes práticas sociais, tornando assim importante ressaltar que devemos adequar a nossa linguagem aos diferentes ambientes em que estamos inseridos. As situações interativas, em que utilizamos a língua oral, devem ser propiciadas desde a infância.

A criança, desde que veio ao mundo, passa a interagir com os adultos utilizando-se de diferentes linguagens para se comunicar. Esta comunicação acontece mediante os gestos, sinais e sons que a criança provoca como choro, gargalhadas, gemidos, caretas ou mesmo pelo simples fato de apontar para um objeto ou brinquedo distante que ela almeja e não consegue alcançá-lo. Ao adulto, compete o papel de estimular esta comunicação através da linguagem oral, favorecendo a ampliação do vocabulário infantil, processo determinante para inserção de papéis e práticas sociais.

Expressando-se oralmente, a criança amplia seus horizontes de comunicação, exercita o pensar, socializa-se, organiza a sua mente, interpreta o mundo, expõe ideias, debate opiniões, expressa sentimentos e emoções, desenvolve a argumentação, comunica-se com facilidade, além de se preparar para um futuro profissional no qual ela seja capaz de expressar em público seus conhecimentos e ideias. Desse modo, o desenvolvimento da oralidade significa para ela uma habilidade imprescindível para o convívio social nas mais diversas instâncias. (CHAER e GUIMARÃES, 2011, p.2)

Em face do exposto, acentuamos o importante papel da escola e da educação infantil, instância norteadora da base de construção do conhecimento, quando tem a missão de

garantir um ensino com qualidade e um ambiente acolhedor, ouvindo a voz da criança e principalmente o que ela comunica no desenvolvimento da oralidade. Pela linguagem oral, a criança manifesta seus desejos, sentimentos e emoções de forma espontânea, sincera e verdadeira. Portanto, acreditamos ser a escola um espaço adequado para se trabalhar e aperfeiçoar gradativamente a oralidade de nossas crianças. Contudo, nos questionamos: será que os professores de educação infantil estão atentos para a devida importância do trabalho a ser fomentado com a oralidade das crianças pequenas em sala de aula?

Julgamos necessário mencionar que o trabalho com a oralidade em sala de aula é parte integrante do processo de aprendizagem para criança, pois permite desenvolver habilidades, como falar em público e organizar ideias mediante as vivências e experiências diversas em seu cotidiano. Salientamos ainda que o trabalho com a oralidade torna-se essencial desde o início de sua escolarização. Compete aos professores atuantes deste campo indicarem atividades imersas na ação pedagógica de garantir em sala de aula um ensino aprendizagem promissor sistemático de fala, escuta e reflexão da língua.

A criança aprende a narrar utilizando recursos chaves como jogos de perguntas e respostas direcionadas e com intencionalidade pedagógica sempre em parceria com o professor e através das histórias. Além disso, podem ser organizadas rodas livres com o intuito de estimular a conversa e a participação da criança em assuntos aleatórios ou ainda coordenar rodas dirigidas com relatos, casos e histórias para serem recontadas posteriormente. Além disso, o reconto promove o desenvolvimento das capacidades de ordenar temporalmente os acontecimentos e de utilizar novas formas de expressão verbal.

[...] A construção da linguagem oral implica, portanto, na verbalização e na negociação de sentidos estabelecidos entre pessoas que buscam comunicar-se. Ao falar com os bebês, os adultos, principalmente, tendem a utilizar uma linguagem simples, breve e repetitiva, que facilita o desenvolvimento da linguagem e da comunicação. Outras vezes, quando falam com os bebês ou perto deles, adultos e crianças os expõem à linguagem oral em toda sua complexidade, como quando, por exemplo, na situação de troca de fraldas, o adulto fala: “Você está molhado? Eu vou te limpar, trocar a fralda e você vai ficar sequinho e gostoso!”. (BRASIL, 1998, p. 116)

Diante desta proposta de desenvolvimento da oralidade, é possível perceber que o adulto tem importante papel no processo de construção da linguagem oral da criança. Precisa ter a sensibilidade de não responder por ela, provocando-a a responder situações do seu dia a dia. Infantilizar a fala, em se tratando da comunicação com a criança, consiste em retardar o aprendizado formal bem como a extensão do seu vocabulário. Portanto, torna-se salutar

desenvolver uma linguagem que permita à criança a compreensão e o sentido da palavra falada e, com isso, a organização do pensamento por meio da estruturação e construção da fala. Construção que acontece paulatinamente mediante a escuta que a criança vai construindo através da verbalização e mediação com o adulto.

Apoiadas nesta reflexão, consideramos o processo da oralidade como um segmento que proporciona à criança desenvolver as capacidades de superação de conflitos, de planejamento de ações antes de sua execução, ou seja, ela é capaz de pensar uma ação mesmo que de natureza fragmentada ou inconsciente. Assim, pensar estratégias que provoquem o desenvolvimento destas capacidades torna-se imprescindível.

Palavras e gestos possibilitam transformar uma coisa em outra. É a linguagem que torna possível o faz de conta, a criação da situação imaginária. A criação não emerge do nada, mas requer um trabalho de construção histórica e participação da criança na cultura. A brincadeira infantil é, assim, um lugar por excelência de incorporação de práticas e exercícios de papéis sociais. (VYGOTSKY, 1984, p.110)

No que diz respeito a essas estratégias, podemos citar as brincadeiras e a contação de história como elementos ricos e necessários para se estabelecer o desenvolvimento da oralidade. A brincadeira do faz-de-conta tem significado relevante por promover a interação e o desenvolvimento social da criança, sendo que, através do ato de brincar, é possível que elas incorporem papéis sociais pertinentes à construção da autonomia da identidade e da personalidade infantil.

Por considerar a brincadeira um instrumento lúdico e conseqüentemente vital no processo de construção da linguagem falada, podemos mencionar que ela possibilita a incorporação de novos repertórios linguísticos, a imitação de papéis, criação de personagens, associação e correlação da fantasia com o mundo real. A cultura do brincar deve ser entendida com suas diferentes formas e com viés de alta qualidade intencional acompanhada, criada, estruturada com cunho de aprendizado.

A contação de história, por sua vez, inserida a este universo da ludicidade e do trabalho com o desenvolvimento da oralidade infantil, proporciona significado, prazer e sentido para a vida da criança ao passo que a desperta para o mundo dos sonhos da imaginação da fantasia, do faz-de-conta e do saber expressar-se.

Consideramos a contação de história um elemento fundamental no processo de construção da oralidade, pois, através da mesma, a criança articula, pensa, imagina, imita papéis, cria personagens, na medida em que interage, seja com o livro, com as outras crianças

ou com os adultos ao seu entorno. Este é um assunto que abordaremos com mais precisão a seguir.

2.2 A importância da contação de história e dos contos de fada na educação infantil

A contação de história é uma arte muito antiga. Nos velhos tempos, os povos costumavam se reunir para manter a tradição da roda de histórias. Pessoas de diferentes regiões costumavam se reunir para conversar e contar os casos acontecidos naquela época. Sentar para contar e ouvir as narrativas era uma maneira que essas pessoas encontravam para preservar sua língua e sua historicidade. Com isso, as histórias foram se incorporando a nossa cultura atual. Portanto, através das histórias imaginadas, criadas, verdadeiras ou não, podemos ter acesso ao mundo mágico da imaginação. Se contar história é uma arte, cada um de nós pode ser um grande mestre no despertar da imaginação infantil.

Com a narrativa oral aguçamos a curiosidade da criança para que ela pegue o livro (do qual a história foi retirada) para reencontrá-la num momento individual e perceba as diferenças entre a oralidade e a escrita. Ao narrar oralmente, trabalhamos com a memória e com o coletivo. (FONSECA, 2013, p.149)

Na educação infantil, as histórias têm um papel de preciosidade indescritível para a criança, pois amplia seus horizontes e eleva seus conhecimentos em relação ao mundo que a cerca. Ao ouvir uma bela contação de história, a criança expressa sentimentos e emoções, pode encontrar acalento nas palavras narradas identificando-se com os personagens de heróis ou heroínas nas vastas aventuras da imaginação. “[...] o ato de narrar oralmente é uma ação dos tempos mais remotos, que aconteceu em diferentes culturas, lugares e época [...]” (FONSECA, 2013, p.137).

Diante do postulado, podemos entender a seguinte frase: conta de novo! Geralmente quando acabamos de contar uma história para as crianças, somos surpreendidos pela frase grafada acima. Isso acontece porque, no ato da contação de história, a criança tem a oportunidade de se relacionar com o outro, de viajar, imaginar, ouvir, rir, chorar, dentre tantos outros elementos. “Conta outra vez” significa para criança novamente viajar por um mundo de infinitas possibilidades de aventuras, intimidade e cumplicidade num tempo passado, presente, futuro ou imaginário onde tudo pode acontecer. Assim, a aquisição da narrativa é uma construção conjunta da criança com o adulto e representa uma nova relação da criança com a linguagem.

O surgimento dos contos de fadas se dispersaram ao longo do tempo. Porém, mediante as leituras relacionadas a esta pesquisa, podemos elucidar que os contos na cultura de historicidade da atualidade emergiram na Europa, especialmente na França e na Alemanha no final do século XVII e XVIII. De acordo com Schneider e Torossin (2009, p.135-136), como renomados escritores desta temática, podemos citar o francês Charles Perrault (1628-1703), os alemães Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) - os irmãos Grim - e o dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875). Na literatura dos contos de fada, destacam-se no Brasil: Monteiro Lobato, Ziraldo, Ana Maria Machado e Ruth Rocha.

Schneider e Torossin (2009) nos contam que o francês Perrault ficou mundialmente conhecido com obras como *Chapeuzinho Vermelho*, *Os Contos da Mamãe Gansa*, *Pequeno Polegar*, entre outros. O mesmo escrevia com o objetivo de levar ensinamento e moral para aqueles que se debruçassem sobre seus escritos. Os irmãos Grim tiveram publicações conhecidas em português como *A Bela e a Fera*, *Os Músicos de Bremen*, *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Chapeuzinho Vermelho e a Gata Borralheira*. Seus contos são permeados por bruxas más, madrastas malvadas, príncipes encantados, fera que encanta bela, mexendo com o imaginário infantil. Hans Christian Andersen foi considerado o pai da literatura infantil por escrever especificamente para as crianças, inserindo-as nas suas histórias e dando, com isso, vida e animação aos brinquedos no mundo imaginário. Seus contos traçam marcas de uma vida atravessada por sofrimento e humildade, ganhou espaço por narrar histórias tristes, porém com criticidade e ensinamento para o leitor infantil. Suas principais obras são *Patinho Feio*, *O Soldadinho de Chumbo* e *A Roupa Nova do Imperador*.

Monteiro Lobato se destaca nos sofisticados contos da literatura infantil com o Sítio do Pica-Pau Amarelo. Neste universo, pensado para o infantil, bonecas conseguem falar, sabugos de milho se transformam em cientistas. Um mundo onde imaginar, criar, recriar é permitido, basta acreditar. Entre as obras de Ana Maria Machado, podemos destacar *Menina Bonita do Laço de Fita* e de *Olho nas Penas*, sendo que este último a fez ganhar o prêmio *Casa de las América*, em 1981. Ruth Rocha conquistou seu espaço com a publicação do livro *Marcelo, Marmelo, Martelo*.

Schneider e Torossian (2009, p.135) discorrem que:

Os contos de fadas distinguem-se das demais histórias infantis por características como o uso da magia e encantamentos, um núcleo problemático existencial no qual o herói ou a heroína busca sua realização pessoal e, finalmente, a existência de obstáculos a serem enfrentados pelos heróis.

Os contos de fada neste recorte tornam-se necessários por compreendermos sua função como instigadora no tocante ao trabalho metódico a ser desenvolvido em sala de aula pelo professor como sujeito mediador da construção do conhecimento infantil. A maneira como introduzir significativamente essas histórias para a criança pequena vai depender da criatividade do professor quando no ato do planejamento. O mesmo deve pensar estratégias que edifiquem a construção do aprender infantil, levando em consideração que as crianças têm a capacidade de se desenvolver mediante os estímulos que lhe são propiciados. A estes estímulos atribuímos os contos de fadas como ferramenta que proporciona às crianças o desenvolvimento da argumentação da articulação da fala de forma acentuada e contextualizada com o real.

Consideramos a literatura como a arte de representar, atuar e interpretar, seja através da escrita da leitura ou da oralidade. Pensando assim, as contribuições da literatura infantil no desenvolvimento da aprendizagem integral da criança é algo que vem ao longo do tempo ganhando espaços no âmbito da educação infantil. A mesma tem a capacidade de propiciar um ensino aprendizagem apoiada por perspectivas direcionadas para as brincadeiras, os cuidados, a participação, a interação, a socialização e a construção de papéis e práticas sociais.

2.3 A linguagem oral na educação infantil

A linguagem oral tem sua significância no âmbito da educação infantil por proporcionar à criança uma construção articulada com base nas interações que a mesma passa a vivenciar no seu cotidiano escolar. Dentro desse contexto, o trabalho desenvolvido pela escola busca não só articular a construção da linguagem oral, como também a ampliação do repertório de palavras da criança de forma diferenciada, em que os sons produzidos e a linguagem produzida pela criança nessa fase da educação infantil possa ter uma conotação com mais sentido e coerência.

Segundo Elaine Cristina Sasso (2007, p.6):

Desde muito cedo a criança se utiliza principalmente da Linguagem Oral para se comunicar quer seja em situações informais ou mesmo em situações formais nas instituições que elas veem a frequentar: as creches, as escolas, de educação infantil. É nesse ambiente, na interação com crianças de sua faixa etária e com os profissionais dessa área que a criança enriquece seu repertório de palavras e de ações, gestos e comportamentos muitas vezes utilizados para resolver os problemas que surgem no dia-a-dia. [...]

Podemos considerar que o contato da criança com outros grupos de crianças e com os adultos favorece o desenvolvimento da linguagem oral da criança e que no ambiente escolar essa linguagem ganha um requinte formal diante das atividades articuladas pelo professor. As músicas, os trava-línguas, as parlendas, as leituras de livros infantis, as revistas, o ouvir histórias contadas pelo professor são recursos que auxiliam na aprendizagem articulada da linguagem da criança. Portanto, um ambiente seja esse familiar ou educacional que permita a interação da criança com outros grupos de seres pensantes no tocante ao desenvolvimento da expressão da oralidade contribuirá significativamente para uma criança com uma linguagem e repertório de palavras ampliadas. Sasso (2007, p.6) diz que “a linguagem oral é constituída por aproximações sucessivas, ou seja, quanto maior for sua exposição ao grupo adulto ou mesmo de amigos, mas ampliado estará seu repertório verbal”.

Assim, entendemos que quanto mais propício for a convivência da criança com um ambiente letrado, mais facilidade ela terá de desenvolver sua comunicação. Portanto, a linguagem oral tem o papel importante na educação infantil por possibilitar à criança, a partir da interação com o meio, construir uma comunicação que na maioria das vezes representa a realidade da sua história.

2.4 Os eixos norteadores da educação infantil

A educação infantil apresenta-se no contexto da educação básica com o compromisso de garantir um ensino promissor e de qualidade para as nossas crianças. Ensino com qualidade significa compromisso de todos os envolvidos (estado, município, núcleo gestor, professor e família) no planejamento das metas e, conseqüentemente, dos objetivos a serem alcançadas.

O desenvolvimento da aprendizagem no contexto da educação infantil se faz mediante o foco que desejamos alcançar. Compreendemos que este foco vem ao encontro de pensarmos em primeiro lugar como a criança vai aprender ou se desenvolver. Conhecer suas raízes, história de vida, cultura, brincadeiras auxilia o professor a planejar melhor e atingir suas metas. Aproximar e envolver as famílias nas atividades escolares é outro elemento favorecedor do processo de ensino aprendizagem, melhorando os indicadores de crescimento e de qualidade que assolam este campo de saberes. Campo da educação infantil.

O foco deste processo deve ser sempre a criança, que tem a infinita capacidade de pensar, construir, reconstruir e, por conseguinte, a desenvolver-se a partir dos estímulos que a ela são proporcionados. Desse modo, entendemos ser a escola a principal responsável por

promover um ensino diferenciado, autêntico e dinâmico na qual permita a criança tornar-se um ser crítico, autônomo, com identidade e personalidade própria.

Desse modo, os conteúdos abordados pela educação infantil tem o objetivo de mostrar basicamente a promoção do desenvolvimento integral da criança em todas as suas particularidades: intelectual, psíquica, emocional, afetiva, social, psicomotora, etc. Convidamos o leitor a conhecer na sequência que se segue:

- A música, por exemplo, se apresenta com um fazer pedagógico intencional capaz de promover a concentração, a atenção, o ritmo e o compasso, trabalhando ainda o lado emocional e afetivo da criança de modo relevante.
- O movimento de subir, descer, interagir, propicia à criança a oportunidade de exploração do espaço. Para a criança pequena, o movimento também se manifesta como sinais que expressam comunicação significativa entre ela e o adulto. Os gestos, o choro, o riso, as mímicas, a dor, o andar são movimentos ricos e que propiciam aos pais identificarem o que a criança está sentindo naquele momento.
- As artes visuais também são consideradas pelo referencial curricular nacional para a educação infantil como um conteúdo que permite a criança expor seus sentimentos, desde os rabiscos até os desenhos com formas mais elaboradas. O que para muitos não tem significado, para a criança se torna uma obra de arte com história e valor sentimental. O desenho e a pintura na sala de aula manifestam-se como uma forma de comunicação autêntica da vida e da história da criança. Cabe ao professor, no entanto, ter a sensibilidade de perceber esta comunicação e intervir de maneira adequada.
- A linguagem oral e escrita é apresentada como um ensaio básico no processo de construção da alfabetização. Considera-se que por meio deste eixo norteador se iniciam as práticas pedagógicas relacionadas com a leitura e a escrita. O contato com as letras, palavras, jogos, brincadeiras sem perder a intencionalidade pedagógica vai constituindo na criança os mecanismos de entendimento da língua escrita, posteriormente ela começa a perceber que as coisas, os objetos, as pessoas necessitam de uma identificação para facilitar o processo de comunicação que acontece também via linguagem oral.
- A matemática. Tudo começou com a necessidade que o homem sentiu de quantificar as coisas, os objetos ao seu entorno. Na educação infantil, torna-se relevante o trabalho com a matemática mediante a concepção que é algo presente nas nossas vidas. O uso dos números perceptuais tem sentido realmente quando trabalha-se de modo a permitir que a criança comece a fazer estimativa e quantificar através da percepção. Outro fator significativo é o professor trabalhar com a fala da criança propiciando vários caminhos, não é só o resultado que interessa, mas o percurso que ela desenvolveu, o pensamento, a lógica para atingir aquele resultado. Com base nesta concepção o espaço da matemática na sala de aula deve ser organizado com intencionalidade pedagógica permitindo a criança a compreensão que as representações sempre partem do concreto e nunca do nada.
- A natureza e sociedade busca envolver as crianças no entendimento do mundo de forma natural e os porquê que as coisas acontecem. A natureza é independente da teoria, a teoria é boa se ela consegue explicar os fatos, os fenômenos, os elementos como a chuva por exemplo. Pensando assim, considera-se que a criança não pode ser pensada como um ser exclusivamente de limitação a criança deve registrar suas observações e o professor explorar juntamente com ela os fatos observados. (BRASIL, 1998)

Percebe-se a importância da contextualização e ligação existente entre os eixos temáticos trabalhados na educação infantil como elemento-chave para construção da aprendizagem da criança. Ao se trabalhar a música, o movimento, as artes visuais, a linguagem oral e a escrita, a matemática, bem como a natureza e a sociedade, o professor deve levar em consideração alguns aspectos importantes: a faixa etária na qual a criança está inserida, o objetivo daquela atividade, a metodologia utilizada, a participação e a interação da criança com o professor e com as outras crianças ao seu redor.

O professor de educação infantil tem a missão de despertar no infante o gosto pelos estudos e ainda fazê-los entender o sentido deste para sua vida futura. Com isso, entendemos que o professor precisa conhecer a história da criança, a realidade na qual encontra-se inserida para, diante dos conteúdos trabalhados em sala de aula, adaptar suas atividades ao contexto real da criança, visto que acreditamos ser a educação o caminho mais sólido para chegarmos à realização de conquistas e avançarmos em projetos pertinentes ao desenvolvimento da historicidade do homem.

O capítulo seguinte aborda a metodologia delineada para esta pesquisa, identificando os elementos inseridos a partir da contação e do reconto de histórias infantis com duas crianças do Infantil V, sendo a seguinte história: *Os três porquinhos*.

3 METODOLOGIA - CAMINHOS PERCORRIDOS: ELOS ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Nos capítulos anteriores, apresentamos para o leitor a importância e o significado dos contos de fada no processo de desenvolvimento da oralidade de crianças pequenas. Partindo deste princípio, iremos observar, de acordo com o processo metodológico desta pesquisa, como a prática da contação contribui para o desenvolvimento do reconto oral em crianças do infantil V. Aqui explanamos o tipo da pesquisa que adotamos o *locus* da pesquisa, a construção de nossos dados e os procedimentos que escolhemos para tratar os dados.

3.1 Tipo de pesquisa

A metodologia utilizada nesta pesquisa é de cunho qualitativo. Sua significância é atribuída ao campo educacional por responder a questões específicas e particulares advindos do universo das relações do homem com o meio social. O procedimento metodológico caracteriza-se por três fases a serem consideradas: exploratória, trabalho de campo, análise ou tratamento dos dados. A fase exploratória se constitui na operacionalização e planejamento do método ou técnica a ser executada em campo. É o momento onde acontece o levantamento das hipóteses, definição do objeto a ser estudado, questionamentos e objetivos a serem alcançados. O trabalho de campo se caracteriza pela ação estabelecida entre teoria e prática. É nesta fase que o pesquisador observa e registra informações pertinentes à pesquisa confrontando dados, confirmando ou refutando outros. A análise ou tratamento dos dados é o momento de verificar, entender e compreender os resultados coletados fazendo paralelo com a fundamentação teórica estudada. Neste sentido, a pesquisa qualitativa contribui significativamente para explicar as questões que assolam nossa pesquisa.

A pesquisa qualitativa tem sua contribuição no campo educacional por permitir que o pesquisador interaja de forma mais intensa com os sujeitos entrevistados. Ainda possibilita uma exploração do ambiente a ser estudado. Através da pesquisa qualitativa, podemos levantar as possíveis hipóteses que iremos buscar em campo as possíveis respostas mediante os seguintes instrumentos: questionários, gravações, entrevistas, transcrição de falas, etc. Por meio da linha de pesquisa qualitativa o pesquisador se preocupa com o que é

realmente significativo para a construção dos seus dados não despertando assim no pesquisador a preocupação de quantificar nenhum dado.

Minayo (2011, p.21) discorre que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Enuncia-se a esta reflexão a importância da pesquisa como caminho de argumentação e fundamentação para este trabalho, quando, na visão de Minayo (2011 p.16), expressa: “a pesquisa é a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo”. Partindo deste princípio, torna-se interessante mencionar que a pesquisa é parte fundamental do processo de coleta das informações no campo da ciência por apresentar conceitos que nos levam a refletir sobre semelhanças, conflitos e contradições. No trabalho com a pesquisa, deve existir o desafio de olhar a complexidade do problema com sensibilidade, neutralidade e ética, salientando que a neutralidade independe da vontade do pesquisador. A ética é um valor de caráter, bem como a postura, o respeito e o sigilo do pesquisador no uso de suas informações.

3.2 O contexto e o *locus* da pesquisa

A pesquisa de campo foi realizada no Núcleo de Educação Infantil, escola da rede municipal localizada na sede do município de Itapiúna-CE. Vale ressaltar que as informações que se seguem são pequenos recortes mencionados nos registros resumidos que a equipe gestora vem elaborando e organizando para a construção do Projeto Político Pedagógico – PPP. Segundo a diretora da escola, o PPP encontra-se em fase de elaboração.

Assim, de acordo com os registros estudados, o Núcleo de Educação Infantil tem da comunidade a credibilidade pelo seu compromisso com as práticas pedagógicas através de sua filosofia do prazer em cuidar, que se efetiva de forma coletiva com ênfase na pedagogia de projetos, valoriza as experiências e saberes das crianças de modo a promover o seu desenvolvimento integral. Além disso, compartilha conhecimentos e busca sempre inovações

nas suas ações, visando à qualidade do atendimento e da aprendizagem e se destaca também pela jornada ampliada.

A escola funciona em tempo parcial com jornada de quatro horas diárias atendendo crianças de 02 a 05 anos e em tempo integral com jornada de 09 horas diárias, que amplia as possibilidades de aprendizagem do tempo e dos espaços pedagógicos através dos princípios étnicos e estéticos.

Atualmente, a escola tem na matrícula regular aproximadamente 250 crianças funcionando nos turnos manhã (ensino regular) e 50 crianças no turno da tarde (tempo integral). As crianças que participam do tempo integral tem a oportunidade de vivenciar oficinas voltadas para a ludicidade como: contação de história, jogos e brincadeiras, arte, matemática, linguagem e informática. A escola recebe crianças da sede e algumas comunidades circunvizinhas. Na sua grande maioria são crianças pertencentes à famílias inseridas nos programas sociais do governo federal.

A dinâmica de trabalho da escola é intensa atendendo 10 turmas de creche e pré-escola. Trabalho que requer muita dedicação, paciência, compromisso e conhecimento na área, visto que exercer a docência na educação infantil vai além do cuidar e brincar, esta se amplia por elos de interação e intencionalidade pedagógica.

A dimensão física da escola encontra-se organizada, bem cuidada e acolhedora para atender as crianças dentro de suas limitações. Porém, nem todas as salas de aulas proporcionam espaço físico adequado para o professor desenvolver suas atividades com precisão ou mesmo a organização dos cantinhos, elemento essencial para a exploração da oralidade e do ambiente alfabetizador. A biblioteca, por exemplo, atualmente transformou-se em uma sala de aula. O espaço externo destinado às brincadeiras livres ou direcionadas a eventos está bastante irregular, ocasionando, segundo a professora, alguns pequenos acidentes com as crianças. Com todos os desafios a serem superados, a escola atende 4 turmas de creche e 6 de pré-escola. Para desenvolver toda dinâmica de trabalho com as crianças, a escola conta com um total de 17 professores em sala de aula e 4 no intermediário.

3.3 O perfil dos sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são duas crianças do sexo masculino de 5 anos de idade que espontaneamente se dispuseram a participar da atividade que propus a elas durante a roda de conversa na escola já citada. Assim, iremos nos referir aos sujeitos como J.L1 e P.O2. Ao chegar na sala de aula, antes mesmo de a professora nos apresentar para a turma, uma criança

veio até nós e falou “eu sei fazer meu nome”, pegou nosso caderno, abriu numa folha em branco, pegou nossa caneta, buscou o crachá dele no quadro de pregas da sala e começou a escrever seu nome. Ao terminar a escrita, olhou para nós e falou: “Errei só essa letra”. J.L1 é uma criança encantadora, de família simples, residente na periferia da cidade. Gosta de jogar de bola e sua história preferida é “*Os três porquinhos*”.

A outra criança é P.O2. Esta, por sua vez, também pediu para escrever o nome dele assim que J.L1 terminou e antes que a professora as convidasse para a roda de conversa. P.O2 também escreveu seu nome completo utilizando o crachá e argumentou: “meu nome é grande, não cabe aqui”. P.O2 tem uma voz rouca e também é uma criança incrível, alegre e participativa. Entre as brincadeiras favoritas, ele disse gostar de jogar de bola e brincar livremente como toda criança. As histórias que mais gosta é *Os Três Porquinhos*, *Cinderela e Patinho Feio*, e quando solicitamos para escolher uma das três escolheu a primeira, facilitando assim o nosso trabalho.

3.4 A construção dos dados

De fato, o primeiro contato aconteceu com uma das professoras que nos acolheu muito bem e nos direcionou para a sala do núcleo gestor. Nos apresentamos para Coordenadora Pedagógica como aluna do Curso de Docência na Educação Infantil e que precisa desenvolver uma pesquisa onde os sujeitos seriam as crianças da pré-escola. Expliquei os objetivos da pesquisa e, em seguida, ela nos encaminhou para uma das turmas de pré-escola. Demonstrou cordialidade e se prontificou para esclarecer qualquer dúvida.

Na sala de aula, fui acolhida por todas as crianças e pela professora. Sentamos à roda com elas e, no primeiro momento, só observei as conversas. Depois de realizada a acolhida (com música e a contação da história *O Patinho feio*), convidei os sujeitos da pesquisa, J.L1 e P.O2, para saírem comigo para um espaço mais tranquilo e silencioso. P.O2 disse: “Olha a escada, tia”, espaço que dá acesso à entrada e a saída das crianças na escola. Lá sentamos, conversamos um pouco sobre as histórias preferidas e sobre as brincadeiras. Elucidei que eu precisava filmar a narrativa deles e que depois mostraria como eles ficaram no vídeo, proposta aceita por ambos. O nosso *corpus*, portanto, é composto de dois vídeos de alunos que narraram a história de *Os Três Porquinhos*. P.O1, na sua contação teve duração de 1m52s. J.L2 teve duração de 2m29s. Ressaltamos que o tempo da narrativa no reconto foi de 4m22s.

Quanto aos vídeos do reconto, aconteceram da seguinte forma: quando P.O1 concluiu seu reconto, foi dado pausa e conseqüentemente *play* para J.L2. Em seguida, pedi para P.O2 retornar para sala e fiquei com J.L1 que disse gostar da escola e da professora e começou a contar para mim a história d'*Os Três Porquinhos*. Vale salientar que, durante a contação da história, J.L1 baixava a cabeça como se estivesse organizando as ideias no campo do pensamento para, em seguida, verbalizar as frases da história. Parecia calmo e tranquilo. Quando mostrei o vídeo para ele, sua reação foi de risos com um tom de timidez.

Dando continuidade à primeira parte da contação, J.L1 retornou para sala e P.O2 entrou em ação comigo. Este, muito falante, com sua voz rouca, dizia, sem timidez: “Agora sou eu”. Seguindo os meus comandos, começou a contar também a história d'*Os Três Porquinhos*. Enquanto contava, se apegava ao cadarço do sapato, olhava para os lados, para câmera do celular e baixava a cabeça. Quando se viu nas imagens também fez gestos de risos.

Retornamos para sala de aula, agradei às crianças e à professora pela acolhida e falei que voltava no dia seguinte para continuarmos a pesquisa. Era para eu retornar na quinta-feira, mas não foi possível e na sexta não teve aula. Retornei então, na segunda-feira com o propósito de contar a história “*Os Três Porquinhos*” e, em seguida, o reconto feito por eles. Tudo aconteceu como esperado. Assim, o trabalho de contação e do reconto na escola aconteceu no primeiro horário. Como instrumento para coleta das informações, utilizamos a câmera do celular para registrar os dados coletados para posteriormente fazermos a transcrição e diário de bordo.

3.5 Tratamento e análise dos dados

Com os dados coletados em mãos, chegou o momento de fazer a transcrição da contação de história e do reconto. Pensando em atender aos objetivos específicos desta pesquisa, que são investigar quais são os elementos da estrutura da narrativa que as crianças inseriram após a contação de forma coerente e verificar se houve ampliação de vocabulário a partir da recontação de história, procedemos como descrevemos a seguir.

Primeiro organizamos os vídeos em duas pastas diferentes, uma para primeira parte (contação) e a outra para terceira parte (reconto). Para garantir o sigilo e preservar a identidade das crianças, as mesmas serão tratadas por suas iniciais maiúsculas seguidas do número 1 e 2 respeitando a sequência da contação e do reconto.

Para analisar os dados coletados, foi necessário fazermos a transcrição minuciosa dos vídeos observando cada detalhe, gesto, posição, semblante, entonação de voz durante a

contação e posteriormente a narrativa do reconto. Com os dados no papel, fomos em busca dos achados, dos elementos acrescentados, da coerência e organização das ideias no desenvolvimento da oralidade. A todo momento, nos reportávamos aos nossos objetivos específicos para verificar se os nossos achados estavam ao encontro do que nós almejamos antes de ir a campo.

No próximo capítulo, analisamos à luz dos conceitos de oralidade e dos contos de fadas, os resultados identificados em campo a fim de chegarmos às respostas dos questionamentos levantados com mais precisão.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Tendo em vista os objetivos e os caminhos tomados para a pesquisa, ao ter em mãos os dados preliminares diante do tempo proposto de nossa pesquisa, seguimos para uma análise das falas transcritas. Percebemos, na hora da transcrição, a presença de diversos artifícios (articulação da fala, gestos, movimento com o corpo) usados pelos entrevistados para se adequarem à contação. A narrativa escolhida foi a história de *Os Três Porquinhos* e, por se tratar de um conto clássico, já bastante conhecido, cabe aqui excluir a apresentação da versão da história apresentada. Assim, trabalhamos nossa análise baseada nos dois objetivos específicos desta pesquisa, fazendo elo com as contações e recontações apresentadas a seguir.

Desse modo, em busca de atender ao primeiro objetivo específico, que é investigar quais são os elementos da estrutura da narrativa que as crianças inseriram após a contação de forma coerente. Vamos à primeira contação da história transcrita do audiovisual dos entrevistados.

P.O1 - Pode contar?

Lucinalda: - Pronto...

P.O1: - Uma vez, três porquinhos moravam ni uma casa... um dia, aí, eles... a mamãe disse: filhinhos vocês já tão grandinhos, da pra vocês a fazer uma casinha... e eles disse: já arrumou; e foi atrás, comprou prego, comprou martelo, comprou caibo e fez sua casinha. Aí um dia, o pareceu... toc toc, quem é? O lobo mau... aí... aba essa porta se não eu vou assoprar e cair. Não, não... aí ele achou que o assopro e a casa derrubou... aí, correu, correu, correu, foi pra casa do outro casa do irmão dele... aí, chegou lá, o lobo, toc, toc... quem é? ... o lobo... aba essa porta se não eu vou assoprar e cair!!! ... não... ele é seu poico que caiu, e correu pra outra casa do ôto porquinho... aí... ele...aí, toc, toc, quem é? O lobo mau... aí, o lobo, não vou abrir, aí o lobo, aié! Eu vou le dá um assopro (fuuu, fuuu, fuuu) e não caiu, e vinha uma, uma, um caldeirão, ele botaram, uma chaminé, e subiu, subiu, quando e quando encostou e caiu dentro do caldeirão queimou o rabo e, e, queimou o rabo, pronto, terminou.

Lucinalda: - Terminou? Parabéns!

J.L2 - Aí os três, os três porquinhos estavam brincando no quintal, a mamãezinha chamou dizendo: filhotes vocês vão arrumar suas coisas pa fazer uma casinha pa vocês, aí eles foram, aí quando chegou na outa casa fizeram uma casa, o lobo ficou escondido, aí foram brincar, foram, aí foram se deitar, o lobo apareceu aí... (unh) se o bater na porta os três porquinhos disse quem é? Aí, o, os, aí o lobo disse assim: sou o lobos, aí, aí os três porquinhos disse assim: ... se você, se você não abrir, eu vou derrubar sua casa num assopro, aí, aí assoprou derrubou a casinha de madeira, aí o outro porquinho foi pra casa do, do, do outro, aí o lobo assoprou derrubou a outra, o lobo foi pra outra, assoprou, aí na hora que assoprou, passou o assopra pra casa de tijolo, de cimento, não era de, de, de madeira ... aí, em, o lobo... o lobo, aí o lobo é, subiu em cima da chaminé do, do outro porquinho, os porquinhos fizeram uma fogueira, aí ele foi pular aí, aí ele queimou o rabo dele aí saiu correno, aí foi simbora.

Lucinalda: - Queimaram o rabo de quem?

J.L2: - Do lobo... ele foi simbora.

Lucinalda: - Com o rabo queimado!?

J.L2: - Hum, aí nunca parecia.

Lucinalda: - Nunca mais apareceu? E os porquinhos foram o que?

J.L2: - Foram zamigo fazendo casa de tijolos.

Lucinalda: - Aí os porquinhos foram morar junto ou separado?

J.L2: - Junto.

Lucinalda: - Oolha! Foram felizes ou não?

J.L2: - Foram feliz... eles.

Lucinalda: - Terminou?

J.L2: - Terminou.

Lucinalda: - Parabéns!

Sobre o momento da contação, foi possível observar a postura dos sujeitos como posição das mãos apoiando uma na outra ou amarrando o cadarço do sapato, olhares para os lados, cabeça curvada, pausas constantes com o acréscimo do “aí”. A contação, assim podemos dizer, aconteceu respeitando as expressões da modalidade da linguagem oral quando observamos a expressão “aí”, por exemplo, significa dizer que a criança estava interligando períodos na sua sequência de ação, no caso a fala.

Deste modo a estrutura das narrativas e a organização das ideias transcritas antes do reconto, apresentam características diferentes entre os pequenos P.O1 e J.L2. O primeiro,

ao contar a história, inferiu muitas pausas, seguidas de “aí”. Outro aspecto que nos chamou atenção foi a introdução de elementos que não aparecem na história oficial como, “... e foi atrás, comprou prego, comprou martelo, comprou caibo e fez sua casinha”. Aqui a criança estabelece uma relação da história com o mundo real, fazendo associação com artifícios utilizados numa construção de verdade, certamente marcante no dia a dia dela.

J.L2 fez inferência na sua narrativa a qual cabe aqui destacar o seguinte achado: “os porquinos fizeram uma fogueira”. Entendemos que, ao introduzir o elemento citado, a criança fez adaptação em relação à história oficial, se utilizando de elementos que pertencem ao seu mundo, a sua cultura. A expressão *fogueira* é bem comum nas festas juninas propagadas pela escola se inserindo ainda, como parte da decoração da festa. Acredita-se que a professora deva trabalhar os símbolos que permeiam as festas juninas como, balões, fogos de artifícios, bandeirinhas, fogueira, comidas típicas e músicas. A fogueira na cultura popular é uma tradição nas datas comemorativas aos santos: Santo Antônio, São João e São Pedro. A fogueira é certamente uma expressão que remete à realidade desta criança na qual fez alusão com a fumaça saindo pela chaminé. Assim percebemos que essas expressões são próprias da nossa cultura popular com raízes intrínsecas na modalidade da fala.

A análise aconteceu mediante a observação que fiz tomando como referência a transcrição da contação das crianças. Algumas inferências citadas por elas como “*fogueira*”, “*quintal*” não apareciam na versão contada por mim. O que as levaram a inserir essas palavras no contexto das suas narrativas pode ser considerado como a proximidade destes artifícios com o cotidiano das crianças. Porém, outros elementos chaves da história não foram citados pelas crianças, como casa de tijolo, casa de palha e casa de madeira.

Foi possível perceber que, a partir do reconto, a estrutura da narrativa se apresentava numa sequência mais coerente e com períodos mais completos, acontecendo, então, uma organização das ideias ao verbalizar a história. Por exemplo, P.O1 antes assim narrou: “*a mamãe disse: filhinhos, vocês já tão grandinhos, da pra vocês a fazer uma casinha... e eles disse: já arrumou; e foi atrás, comprou prego, comprou martelo, comprou caibo e fez sua casinha.*”

Pós reconto, assim se expressou: “[...] *se ajuntaram e foi fazer uma casa, aí quando eles fizeram a casa, um fez de tijolo, uma de madeira, e uma de palha.*”

J.L2, por sua vez, antes assim se expressou: “[...] *a mamãezinha chamou dizendo: filhotes vocês vão arrumar suas coisas pa fazer uma casinha pa vocês, aí eles foram*”. [...]

Após a narrativa J.L2 narrou: “[...] *“meus filhotes vão fazer um casa pa vocês, aí eles foram, ôta de mader, ôta de palha, ôta de mader, ôta de tijolo [...]*”

Assim, retomando nossos objetivos específicos e analisando as narrativas das crianças, torna-se perceptível que houve uma ampliação do vocabulário e uma melhora significativa nas expressões da linguagem oral das crianças ao recontarem a história. Isso nos leva a refletir que o trabalho com a literatura infantil quando pensado com intencionalidade pedagógica pode favorecer não só o encantamento do universo mágico dos contos de fada, mas também o desenvolvimento de uma aprendizagem sistematizada e significativa para criança.

A minha intervenção na contação com J.L2 aconteceu mediante o propósito de instigá-lo a continuar narrando a história, pois achei interessante e fiquei curiosa para saber o que tinha acontecido na percepção dele com o lobo e o rabo queimado.

Partindo do resultado da contação e após acompanhar o processo de reconto, as falas transcritas desse último demonstram a presença de elementos que diferenciam bastante a contação, do reconto, bem como avaliaremos abaixo.

P.O1 - Uma vez três porquinhos moravam niuma casa, aí... um dia eles... se ajuntaram e foi fazer uma casa, aí quando eles fizeram a casa, um fez de tijolo, uma de madeira, e uma de palha, aí um dia... um lobo chegou, aí ele disse: o lobo vai cumê nós, aí o lobo disse: ... aí, abe essa porta porquinho, se não eu vou, se você não abrir eu vou assoprar, assoprar e sua casa vai uar! Aí o porquinho não, e ele dê, essa porta, aí ele correu pauma casa de mader, aí quando ele chegou lá, aí, (ãn) abe a porta, abe a porta, o lobo quer me cumê, ... aí ... ele abriu a porta entraru e ficaram cumedo, aí o lobo toc, toc, quem é? O lobo, abe essa porta logo se não vou cumê e abrir ... cumê vocês ... não, não, ele assopou (fuuuu) e ... aí... quando ele correu pa casa de tijolos, quando ele chegou lá, toc, toc, quem é? O lobo quer cumê nós, aí quando chegou ... o lobo, toc, toc, quem é? O lobo, abe essa porta se não eu vou assoprar, assoprar e tudo, essa casa vai vuar, e ele, não, não, o lobo encheu (fuuuu) e assopou (fuuuuuu) e ficou cansado, aí quando ele ficou assim, e viu a, a fumaça da casa, aí quando ele foi subindo, quando veo os telhado, foi subi, subindo a escada chegou em cima e foi escurregar caindo dentro da chaminé....

J.L2 - Os três porquinho estava brincando no quintal, a mamãe chamou e disse: meus filhotes vão fazer um casa pa vocês, aí eles foram, ôta de mader, ôta de palha, ôta de mader, ôta de tijolo, aí o lobo, o lobo apareceu, bateu na porta do, da casa da palha, ... aí, aí assoprou, aí os três porquinhos, o porquinho disse que eu não vou abrir (unr) aí, aí o lobo assoprou e foi pra outra casa, aí o ôto, o ôto porquinho foi pa outra casinha de madeira, aí,

e, aí o lobo, o lobo é, bateu na porta do, dois porquinhos e assoprou, e os três porquinhos, não vou abrir não, aí, aí assoprou e foi pa outra casinha de tijolo, aí assoprou, assoprou, e assoprou, e aí... não derrubou a, a fumaça, foi pela chaminé, aí eles foram cumê, e tinha um buraquinho na porta o lobo ficou olhando, aí ... a fumaça foi pela chaminé, e eles estavam almuçando e o otô porquinho disse: nada vai acontecer com nois, aí o otô porquinho disse: saí pra lá lobo vei nois estamo almuçando, aí fez um caldeirão, o lobo subiu pela chaminé, aí subiu, aí ... aí o lobo se queimou todinho, no rabo, aí correndo simbora, nunca apareceu.

Analisando estas versões dos textos dos alunos, encontramos informações que remetem ao surgimento de elementos nesta recontação. Passemos para eles, então.

4.1 Elementos novos da recontação

Considerando a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento da oralidade, observamos que, após a contação da história, as crianças, ao refazê-las, introduziram em sua segunda narrativa elementos que se assemelham ao foco desta pesquisa que se propõe investigar os elementos da estrutura da narrativa que as crianças inseriram após a contação de forma coerente. Além disso, verificamos se houve ampliação do vocabulário a partir do reconto da história. Assim, observando a estrutura dos dois recontos, podemos perceber uma organização mais elaborada das ideias das crianças como a introdução de partes significativas da história contada por mim, como narrou na sequência P.O1 no quadro que se segue.

QUADRO 1

Elementos da contação	Elementos do reconto
<i>“...a mamãe disse: filhinhos vocês já tão grandinhos, da pra vocês a fazer uma casinha... e eles disse: já arrumou; e foi atrás, comprou prego, comprou martelo, comprou caibo e fez sua casinha”</i>	<i>“um dia eles... se ajuntaram e foi fazer uma casa, aí quando eles fizeram a casa, um fez de tijolo, uma de madeira, e uma de palha...”</i>

Percebemos que o reconto possibilitou as crianças desenvolverem melhor suas ideias e levaram para o reconto expressões advindas da história original. Neste sentido, faz-se necessário uma boa contação de história, pois, quanto mais se prender atenção da criança,

mais elementos ela inserirá na hora do reconto. Com base nessas reflexões torna-se fundamental o trabalho com o reconto em sala de aula. O professor, neste caso, deve estimular a prática do reconto com mais frequência, tendo em vista que, na maioria das vezes, a criança se apresenta como sujeito passivo apenas da contação e pouco se trabalha ou se pensa nos benefícios proporcionados pelo reconto de histórias infantis como meio de aperfeiçoamento, não só da fala como também da modalidade escrita da criança. Entendemos que a criança precisa tornar-se mais atuante no contexto do reconto, visto os benefícios de construção do desenvolvimento da oralidade que o mesmo proporciona.

Acreditamos que a contação de história (segunda parte desta pesquisa) contribuiu significativamente para inferência de elementos novos, antes não mencionados pelas crianças. Quando mostramos, por exemplo, o trecho a seguir, narrado por J.L2, e em seguida P.O1, vemos que utilizaram elementos antes não mencionados, como veremos nos quadros abaixo:

QUADRO 2

Antes da minha intervenção (contação)	Pós intervenção (reconto)
<p><i>“...aí, em, o lobo... o lobo, aí o lobo é, subiu em cima da chaminé do, do outro porquinho, os porquinhos fizeram uma fogueira, aí ele foi pular aí, aí ele queimou o rabo dele aí saiu correno, aí foi simbora”</i></p>	<p><i>“... a fumaça foi pela chaminé, e eles estavam almoçando e o oto porquinho disse: nada vai acontecer com nois, aí o otô porquinho disse: saí pra lá lobo vei nois estamos almoçando, aí fez um caldeirão, o lobo subiu pela chaminé, aí subiu, aí ... aí o lobo se queimou todinho, no rabo, aí correndo simbora, nunca apareceu.”</i></p>

Retomando nossa análise, podemos destacar que J.L2 melhorou quando inseriu na sua recontação o seguinte: *“... a fumaça foi pela chaminé”*. A expressão torna sua narrativa mais elegante, mais autêntica, ou seja, percebemos uma construção com mais sentido. Outro achado do reconto foi quando J.L2 narrou a seguinte frase: *“... saí pra lá, lobo vei, nois estamos almoçando”*. Esta expressão acrescentada no reconto nos fez perceber que a criança fez alusão a partir da história com sua realidade e ainda fez pouco caso com lobo que queria atacá-los. Em *“... sai pra lá, lobo vei”*... consideramos que o porquinho, na sua última fala, sentiu-se seguro por estar protegido na casinha de tijolos, elemento também presente no reconto.

Já P.O1 assim narrou a contação e o reconto:

QUADRO 3

Antes da minha intervenção (contação)	Pós intervenção (reconto)
<p><i>“... o lobo... aba essa porta se não eu vou assoprar e cair!!! ... não... ele é seu poico que caiu, e correu pra outra casa do ôto porquinho... aí... ele...aí, toc, toc, quem é? O lobo mau... aí, o lobo, não vou abrir, aí o lobo, aié...eu vou le dá um assopro (fuuu, fuuu, fuuu) e não caiu, e vinha uma, uma, um caldeirão, ele botaram, uma chaminé, e subiu, subiu, quando e quando encostou e caiu dentro do caldeirão queimou o rabo e, e, queimou o rabo, pronto, terminou”.</i></p>	<p><i>“...o lobo, abe essa porta se não eu vou assoprar, assoprar e tudo, essa casa vai vuar, e ele, não, não, o lobo encheu (fuuuu) e assopou (fuuuuuu) e ficou cansado, aí quando ele ficou assim, e viu a, a fumaça da casa, aí quando ele foi subindo, quando veo os telhado, foi subi, subindo a escada chegou em cima e foi escurregar caindo dentro da chaminé...”</i></p>

Tomando como base os elementos comparativos no quadro acima, vê-se, portanto, uma melhoria na estrutura das frases pós reconto, como o seguinte: *“...o lobo, abe essa porta se não eu vou assoprar, assoprar e tudo, essa casa vai vuar, e ele, não, não, o lobo encheu (fuuuu) e assopou (fuuuuuu)...”*.

Portanto, esta frase de P.O2 aparentou mais sofisticada do que a da contação antes assim contada: *“... o lobo... aba essa porta se não eu vou assoprar e cair!!! ... não... ele é seu poico que caiu, e correu pra outra casa do ôto porquinho...”*.

A expressão *“ele é seu poico que caiu”* aparece numa construção confusa, pois me parece que, embora ele tenha querido dizer uma coisa, acabou dizendo outra, atribuindo a ação de cair ao porco, e não à casa, como era de se esperar. Já no reconto, a mesma construção aparece mais elaborada como: *, essa casa vai vuar, e ele, não, não, o lobo encheu (fuuuu) e assopou (fuuuuuu)”*... merece chamar atenção que a sequência das palavras e a organização das ideias no campo do pensamento pareceram bem mais articuladas no contexto do reconto. Assim as sentenças produzidas posteriormente a contação faz mais sentido tanto para língua falada como para a escrita.

4.2 Oralidade: teoria e prática

Vivenciando os caminhos do reconto e da oralidade no momento da coleta de dados, foi possível perceber, na oralidade das crianças, algumas expressões usadas por mim na hora da contação (segunda parte). P.O1 repetiu o gesto que usei quando imitei o lobo soprando uma das casas (*ururururur*), porém, J.L2 inferiu apenas a expressão “*assoprou, assoprou, assoprou*”, sem emitir gestos ou som, apenas a oralidade.

As diferenças ocorridas na narrativa do segundo leitor eram bem mais específicas. J.L2 parecia ser mais tranquilo, sério, meigo. Vale ressaltar que, no dia da atividade do reconto, J.L2 estava indisposto, um pouco febril e falava pouco na sala de aula sentado no seu cantinho. Estimulado por P.O1, levantou-se e foi conosco para a escada onde desenvolvemos o reconto da história.

A contribuição da oralidade e dos contos de fadas elucidou algumas dúvidas inicialmente pautadas nesta pesquisa. Quanto a partir dos resultados analisados, buscou-se responder a questionamentos pertinentes ao desenvolvimento do trabalho dos professores de educação infantil que acreditam que ensinar vai além do livro do lápis do papel.

Neste sentido, o desenvolvimento da fala se dá na prática viva da língua, no diálogo, no ouvir o interlocutor. Deve-se, portanto, atribuir intenção comunicativa à fala da criança, ter atenção e dar continuidade a ela, assim, as escolas deveriam ensinar aos alunos qual o significado e importância da fala, expondo aos mesmos a variedade de uso da fala. (CHAER & GUIMARÃES, 2011, p.4)

Tendo em vista a importância da fala da criança, do aluno e, como mostra a pesquisa, do leitor, a oralidade torna-se algo fundamental para o desenvolvimento do ser em diversos âmbitos, como a escrita, a leitura, o desenvolvimento vocabular, dentre outros.

Marcuschi (2001 p.25) diz que “a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal a mais formal, nos mais variados contextos de uso.”

Como pudemos perceber nos textos transcritos, há uma grande diferença entre a contação e a recontação das histórias. A contação pode ser entendida como uma atividade com um fim em si mesma, na qual a exploração da história encontra-se centrada na figura do professor, que conduz a comunicação mediante o texto lido ou contado. Esta atividade de contação é bem presente na roda de acolhida com as crianças, o que raramente acontece com o reconto. Desse modo, a recontação parte do princípio de construção coletiva da língua oral.

As discussões sobre a história iniciam-se por questionamentos e inferências introduzidas pela criança, como o acréscimo de artifícios (fogueira, por exemplo) ao adaptar algumas situações ao seu cotidiano, evidenciando-se numa narrativa bem mais trabalhada neste segundo, provando, de acordo com as palavras de Marcuschi, que pode haver uma transição de formalidades entre os textos orais. A contação, nesta pesquisa, tem um caráter “vocabular” bem mais informal do que o reconto, uma vez que este último já é bem mais trabalhado.

O reconto, portanto, serve não apenas como forma de levar o aluno a desenvolver suas capacidades de leitura e escrita, como acostumá-lo a fazê-lo. Isso pode ser observado na recontação, onde podemos facilmente perceber que houve um cuidado maior, por parte do leitor, para realizar essa tarefa.

A prática do reconto oral traz benefícios não apenas orais ou verbais. Costuma-se acreditar, e muitas vezes foi comprovado isso, que crianças em fase de alfabetização costumam escrever da forma que falam, não havendo, inicialmente uma preocupação sobre o texto, uma vez que o mesmo tem a própria fala como referência. A oralidade é tida como uma modalidade natural do ser humano, contudo a escola é o espaço ideal para aperfeiçoarmos essa prática constantemente.

Muito se utiliza em sala de aula a contação de história, porém, um dos mais interessados em também fazê-lo é o aluno, e isso, na maioria das vezes, ou não é incentivado ou não encontra espaço para o mesmo fazer a sua contação, e posteriormente uma recontação.

Essa prática deve ser trabalhada e incentivada nas salas de aulas como mostra Chaer & Guimarães:

O trabalho com a oralidade assume um importante papel no processo educativo. As ações educativas tornam o processo mais eficaz ao propiciarem situações dinâmicas e envolventes, por meio das quais os alunos podem explorar e desenvolver seu instrumento comunicativo social. (CHAER & GUIMARÃES – 2011, p. 6)

Após a análise dos textos transcritos, podemos perceber uma grande vantagem do ato da recontação de história: o acréscimo do vocabulário ou a melhora deste como a inferência das crianças com elementos significativos e presentes no seu dia a dia, bem como a capacidade de adaptação. Entre essas inferências, podemos destacar elementos novos como “quintal, fumaça, escada, fogueira, casa de tijolo, casa de madeira, casa de palha, nós tamo almunçano”. Como o reconto trabalha basicamente com repetição, a prática desta leva a criança a conhecer novas palavras, a preocupar-se em recontar de maneira a dar mais

fidelidade e, por meio do reconto, ela entra em contato não só com palavras novas, mas com maneiras diferentes de utilizá-las.

Ao finalizar a pesquisa, podemos então perceber que há uma imensidade de trabalhos pedagógicos que podem trabalhar a oralidade, mas a recontação é fundamental para o trabalho no desenvolvimento não só da linguagem verbal, mas também escrita. O ato do reconto é algo que vai além do conhecimento dos signos e significados da língua, pois ele, durante sua prática, não só vai exigir, mas propiciar uma melhora na linguagem (tanto oral quanto escrita) do aluno.

Por fim, tomando como base as leituras estudadas para esta monografia, iremos apontar os caminhos, os questionamentos, os objetivos bem como os resultados alcançados nas considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a proposta deste estudo de apresentar ao leitor a contribuição dos contos de fada no desenvolvimento da oralidade de crianças no Infantil V, e tendo como questão central como a prática da contação contribui para o desenvolvimento do reconto oral em crianças do infantil V, apresentamos nossas reflexões frente às discussões sobre a temática estudada e a importância dos achados preliminares na pesquisa. Temática que despertou através desta pesquisa piloto, o interesse de aprofundar futuramente um estudo de âmbito maior no entorno do reconto oral em crianças do infantil V.

Durante as nossas leituras, buscamos entender o sentido dos contos de fada no que toca ao trabalho da contação e do reconto em sala de aula apoiada no referencial teórico que procurou elucidar os conceitos de linguagem oral, a historicidade dos contos de fada, os sofisticados nomes da literatura infantil, principais obras e a importância dos conteúdos para educação infantil no contexto das interações e das brincadeiras.

Entendemos que a partir da interação que a criança desenvolve com o outro ela aprimora campos do conhecimento importante para sua aprendizagem e sua vida. Os contos de fada tem o poder de despertar o fascínio do mundo mágico, da oralidade, da escrita, da imitação e da construção da linguagem de forma convencional.

A pesquisa nos fez entender que a contação de história atrelada à prática do reconto em sala de aula permite que a criança desenvolva seu pensamento enquanto cria, recria e imita papéis a partir da sua prática social. O reconto, então, favorece um aperfeiçoamento na modalidade da fala convencional. Elemento que tem sua dinâmica de aperfeiçoamento em sala de aula mediante as atividades proposta pelo professor.

Foi possível perceber que as crianças se encantam pelos contos porque estes as conduzem para uma viagem ao mundo da fantasia e da imaginação, mas também porque ao adentrar neste universo elas ampliam seus horizontes, incorporam personagens se veem como heróis ou heroínas favorecendo uma construção mais completa das ideias seja na modalidade escrita ou oral.

Neste contexto percebemos que buscar inovar em sala de aula é preciso para que possamos despertar na criança o gosto pela aprendizagem. Aprender por meio de instrumentos pedagógicos significativos e que propicie a criança a se desenvolver mediante os desafios e obstáculos presentes no seu cotidiano. Entendemos que a prática da recontação se apresenta

como instrumento norteador da aprendizagem significativa, contribuindo com isso para a construção de um sujeito pleno de suas faculdades no que toca sua cultura e historicidade.

Buscamos desenvolver nossa análise pautada nos seguintes objetivos específicos: o primeiro, investigar quais são os elementos da estrutura da narrativa que as crianças inseriram após a contação de forma coerente, e o segundo, verificar se houve ampliação de vocabulário a partir da recontação de história.

Quanto ao primeiro objetivo específico, encontramos os seguintes elementos que foram acrescentados pelas crianças: “... abe essa porta se não eu vou assoprar, assoprar e tudo, essa casa vai vuar, e ele, não, não...”. A frase narrada no ato do reconto soa melhor aos nossos ouvidos.

P.O1 ainda acrescentou que: “... o lobo vai cumê nós...” elemento não mencionado na contação e que, segundo entendimento, o lobo vai comer eles. Porém J.L2 fez menção ao cumê no sentido de saciar a fome dos porquinhos quando inseriram o seguinte: “...aí eles foram cumê...” e “eles estavam almuncando”. Portanto, neste reconto, o elemento *cumê* apareceu em sentidos diferentes.

Já J.L2 assim o fez “... a fumaça foi pela chaminé, e eles estavam almoçando e o oto porquinho disse: nada vai acontecer com nois, aí o otô porquinho disse: saí pra lá lobo vei nois estamo almoçando...”.

Já o segundo objetivo específico, encontramos os seguintes termos que possibilitaram a ampliação do vocabulário dos sujeitos como vemos no demonstrativo a seguir.

P.O1 acrescentou “*fumaça, cumê, vuar, telhado, escada, ficou cansado, fogueira*”, “*um fez de tijolo, casa de madeira, e uma de palha*” e foram alguns dos achados de nossa pesquisa.

Podemos perceber que todas essas palavras inseridas pelas crianças, estão interligadas ao seu cotidiano. Outro aspecto que convém descrever é a presença de uma variante linguística desprestigiada nas expressões usadas por P.O1 como, por exemplo, em “*cumê*” e “*vuvar*”, vocabulário adquirido provavelmente em algumas situações que as crianças presenciaram. Acreditamos que o ensino da oralidade seja de suma importância, pois ela é uma modalidade que deve ser trabalhada assim como a escrita. Embora se trate de crianças, é importante que este trabalho seja desenvolvido desde cedo, pois ao falar é preciso ter a mesma preocupação quanto ao escrever.

Chegamos à conclusão destes achados de nossa pesquisa que o exercício do reconto para o desenvolvimento da oralidade tem fundamental importância, pois, através

deste, a criança consegue avançar nas suas ideias, constrói sequências mais elaboradas, amplia seu vocabulário e tem a capacidade de adaptar o universo da história a sua realidade.

Nossos achados nos permitiram discernir que o trabalho do reconto ainda é muito disperso na modalidade de educação infantil. Percebemos uma atenção mais voltada para a contação de história com um fim em si mesma seguida da linguagem escrita. Com isso, percebemos perguntas elaboradas do tipo: qual o nome da história? Desenhe o que você mais gostou, etc. Ressaltamos que isso é interessante. Porém, quando propomos o reconto, podemos discutir com as crianças novos artifícios, os porquês das inferências e com isso avançar numa discussão onde a interação e a participação aconteçam partindo das ideias das próprias crianças.

Em decorrência disso, as discussões nos fizeram compreender que o professor de educação infantil para atuar profissionalmente precisa entender não só o que a criança fala, mas principalmente levantar as hipóteses porque ela está falando isso. Entender o que se passa no campo do pensamento infantil faz a diferença na hora de responder as perguntas ou de explorar sua linguagem. O professor atuante é aquele que propõe atividades de cunho pedagógico com intencionalidade de desenvolver um ensino aprendizagem construtivo a sistematização da língua escrita e oral.

Entendemos diante disso porque não é qualquer um que pode ser professor de educação infantil. Esta trata da educação básica da criança, conseqüentemente da aprendizagem em sua totalidade. É na educação infantil que os mecanismos de desenvolvimento de aspectos psicomotor, social, histórico e cultural devem ser trabalhados.

Este estudo também se propôs a esclarecer interrogações acerca do desenvolvimento da oralidade no contexto da educação infantil. Chegamos ao entendimento do quanto se faz necessário desenvolvê-la em sala de aula. Os sinais que a criança expressa como balbúcio, risos, choro é uma forma de comunicar-se com o mundo ao seu redor.

Sendo assim torna-se relevante retomar nosso objetivo central que em decorrência dos exemplos apresentados no capítulo anterior analisou como a prática da contação contribui para o desenvolvimento do reconto oral em crianças do Infantil V, considerando a coerência da estrutura da narrativa e a ampliação de vocabulário. Diante dos achados nas recontações e estabelecendo o comparativo com os objetivos específicos aqui já mencionados, consideramos ter alcançado significativamente nossas expectativas anteriormente levantadas. O reconto amplia as possibilidades de construções no imaginário infantil.

Enfim, após a pesquisa de campo, o que podemos concluir é que trabalhar o conto no contexto do desenvolvimento da oralidade de crianças pequenas faz todo sentido. Com a narrativa é possível se estabelecer uma comunicação sistemática da fala.

A elaboração das ideias mostram-se mais organizadas e a introdução de novos elementos torna-se fundamental para a exploração do pensamento infantil. Os contos de fada auxiliam a criança imergir no mundo inconsciente onde tudo pode acontecer, basta deixar a imaginação fluir.

Esperamos que os dados obtidos nessa pesquisa possam contribuir de maneira significativa para um trabalho sistematicamente pedagógico numa conjuntura de reflexão precisa acerca dos contos de fada e o desenvolvimento da oralidade e que tomem como princípio um trabalho voltado para o diálogo entre a escola, professores e crianças e a consideração das condições adversas de trabalho a que os professores estão inseridos.

Esperamos ainda, que o objetivo central dessa pesquisa possa servir como base de futuras investigações, reflexões no sentido de canalizar informações necessárias a todos os profissionais que almejam desenvolver leituras e aprofundar conhecimentos no âmbito desses escritos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il. Volume 1: Introdução; Volume 2: Formação pessoal e social; Volume 3: Conhecimento de Mundo. Educação Infantil.

CHAER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite Glória. **A Importância da Oralidade: Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental**. UNIPAM. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/usarpoesia423627.shtml>. Acesso em 1º de fevereiro de 2015.

FERREIRA, Deslândy Suely. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade** / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes, Maria Celia de Souza Minayo (organizadora). Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FONSECA, Edi. **Interações: com Olhos de Ler**. Coleção Interações. Ministério da Educação. FNDE – PNBE. 1ª reimpressão. Editora Edgard Blucher. 2013.

MACHADO, Regina. **Acordais: Fundamentos Teórico-poéticos da Arte de Contar Histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

MARCUSCHI, L.A. Marcadores Convencionais no Português Brasileiro: Formas, Posições e Funções. *In*: CASTILHO, A. de. (Orgs). **Português Culto Falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

OLIVEIRA, Patrícia Sueli Teles de. **A Contribuição dos Contos de Fadas no Processo de Aprendizagem das Crianças**. Monografia. Março, 2010.

SASSO, Elaine Cristina: **A Linguagem Oral e Escrita na Educação Infantil: Contribuições da análise experimental do comportamento na releitura dos objetivos**. 2007 www.psicologia.pt/artigos/textos/AO341.PDF

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djamboloackdijim. **Contos de Fadas: de sua Origem à Clínica Contemporânea**. Psicologia em Revista. Belo Horizonte, V.15, n.2 p.132-148, Ago/2009.

SILVA, Maria de Jesus Marques. **A Literatura Infantil como Recurso para Aquisição da Linguagem da Criança**. UESPI. s.d.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo-SP: Editora Martins Fontes, 1984.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

OS TRÊS PORQUINHOS

Por: Pedro Otávio

Pedro Otavio:

- Pode contar?

Lucinalda:

- Pronto...

Pedro Otavio:

- Uma vez, três porquinhos moravam ni uma casa... um dia, aí, eles... a mamãe disse: filhinhos vocês já tão grandinhos, da pra vocês a fazer uma casinha...e eles disse: já arrumou; e foi atrás, comprou prego, comprou martelo, comprou caibo e fez sua casinha. Aí um dia, o pareceu... toc toc, quem é? O lobo mau... aí... aba essa porta se não eu vou assoprar e cair. Não, não... aí ele achou que o assopro e a casa derrubou... aí, correu, correu, correu, foi pra casa do outro casa do irmão dele... aí, chegou lá, o lobo, toc, toc... quem é? ... o lobo... aba essa porta se não eu vou assoprar e cair!!! ... não... ele é seu poico que caiu, e correu pra outra casa do ôto porquinho... aí... ele...aí, toc, toc, quem é? O lobo mau... aí, o lobo, não vou abrir, aí o lobo, aié! Eu vou le dá um assopro (fuuu, fuuu, fuuu) e não caiu, e vinha uma, uma, um caldeirão, ele botaram, uma chaminé, e subiu, subiu, quando e quando encostou e caiu dentro do caldeirão queimou o rabo e, e, queimou o rabo, pronto, terminou.

Lucinalda:

- Terminou? Parabéns!

OS TRÊS PORQUINHOS

Por: João Lucas

João Lucas:

- Aí os três, os três porquinhos estavam brincando no quintal, a mamãezinha chamou dizendo: filhotes vocês vão arrumar suas coisas pa fazer uma casinha pa vocês, aí eles foram, aí quando chegou na outa casa fizeram uma casa, o lobo ficou escondido, aí foram brincar, foram, aí foram se deitar, o lobo apareceu aí... (unh) se o bater na porta os três porquinhos disse quem é? Aí, o, os, aí o lobo disse assim: sou o lobos, aí, aí os três porquinhos disse assim: ... se você, se você não abrir, eu vou derrubar sua casa num assopro, aí, aí assoprou derrubou a casinha de madeira, aí o outro porquinho foi pra casa do, do, do outro, aí o lobo assoprou derrubou a outra, o lobo foi pra outra, assoprou, aí na hora que assoprou, passou o assopra pra casa de tijolo, de cimento, não era de, de, de madeira ... aí, em, o lobo... o lobo, aí o lobo é, subiu em cima da chaminé do, do outro porquinho, os porquinhos fizeram uma fogueira, aí ele foi pular aí, aí ele queimou o rabo dele aí saiu correno, aí foi simbora.

Lucinalda:

- Queimaram o rabo de quem?

João Lucas:

- Do lobo... ele foi simbora.

Lucinalda:

- Com o rabo queimado!?

João Lucas:

- Hum, aí nunca parecia

Lucinalda:

- Nunca mais apareceu? E os porquinhos foram o que?

João Lucas:

- Foram zamigo fazendo casa de tijolos.

Lucinalda:

- Aí os porquinhos foram morar junto ou separado?

João Lucas:

- Junto

Lucinalda:

- Oolha! Foram felizes ou não?

João Lucas:

- Foram feliz.. eles

Lucinalda:

- Terminou?

João Lucas:

- Terminou.

Lucinalda:

- Parabéns Pedro, João...

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE RECONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

PEDRO OTÁVIO:

- Uma vez três porquinhos, moravam niuma casa, aí... um dia eles... se juntaram e foi fazer uma casa, aí quando eles fizeram a casa, um fez de tijolo, uma de madeira, e uma de palha, aí um dia... um lobo chegou, aí ele disse: o lobo vai cumê nós, aí o lobo disse: ... aí, abe essa porta porquinho, se não eu vou, se você não abrir eu vou assoprar, assoprar e sua casa vai uar! Aí o porquinho não, e ele dê, essa porta, aí ele correu pauma casa de mader, aí quando ele chegou lá, aí, (ã) abe a porta, abe a porta, o lobo quer me cumê, ... aí ... ele abriu a porta entraram e ficaram cumedo, aí o lobo toc, toc, quem é? O lobo, abe essa porta logo se não vou cumê e abrir ... cumê vocês ... não, não, ele assopou (fuuuu) e ... aí... quando ele correu pa casa de tijolos, quando ele chegou lá, toc, toc, quem é? O lobo quer cumê nós, aí quando chegou ... o lobo, toc, toc, quem é? O lobo, abe essa porta se não eu vou assoprar, assoprar e tudo, essa casa vai vuar, e ele, não, não, o lobo encheu (fuuuu) e assopou (fuuuuuu) e ficou cansado, aí quando ele ficou assim, e viu a, a fumaça da casa, aí quando ele foi subindo, quando veo os telhado, foi subi, subindo a escada chegou em cima e foi escurregar caindo dentro da chaminé....

JOÃO LUCAS:

- Os três porquinho estava brincando no quintal, a mamãe chamou e disse: meus filhotes vão fazer um casa pa vocês, aí eles foram, ôta de madeira, ôta de palha, ôta de mader, ôta de tijolo, aí o lobo, o lobo apareceu, bateu na porta do, da casa da palha, ... aí, aí assoprou, aí os três porquinhos, o porquinho disse que eu não vou abrir (unr) aí, aí o lobo assoprou e foi pra outra casa, aí o ôto, o ôto porquinho foi pa outra casinha de madeira, aí, e, aí o lobo, o lobo é, bateu na porta do, dois porquinhos e assoprou, e os três porquinhos, não vou abrir não, aí, aí assoprou e foi pa outra casinha de tijolo, aí assoprou, assoprou, e assoprou, e aí... não derrubou a, a fumaça, foi pela chaminé, aí eles foram cumê, e tinha um buraquinho na porta o lobo ficou olhando, aí ... a fumaça foi pela chaminé, e eles estavam almuçando e o otô porquinho disse: nada vai acontecer com nois, aí o otô porquinho disse: saí pra lá lobo vei nois estamo almuçando, aí fez um caldeirão, o lobo subiu pela chaminé, aí subiu, aí ... aí o lobo se queimou todinho, no rabo, aí correndo simbora, nunca apareceu.

ANEXOS

ANEXO A – DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA E FORMATAÇÃO**DECLARAÇÃO**

Eu, **Nairton Ferreira de Sousa**, RG nº 332134098, graduado em Letras, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), com habilitação em Língua Portuguesa com suas respectivas literaturas, declaro, para os devidos fins, ter realizado a correção ortográfica e gramatical bem como a formatação, de acordo com o Guia de Normatização de Trabalhos Acadêmicos da Universidade Federal do Ceará (UFC), da monografia intitulada: “ ‘TIA, CONTA OUTRA VEZ...’ - OS CONTOS DE FADA E O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE EM CRIANÇAS DE UMA TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL”, de autoria de **Lucinalda de Aquino Lima**, aluna regularmente matriculada no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, oferecido pela Faculdade de Educação/UFC.

Fortaleza, 27/04/2015



Nairton Ferreira de Sousa

Telefone: (88) 9711.0309